

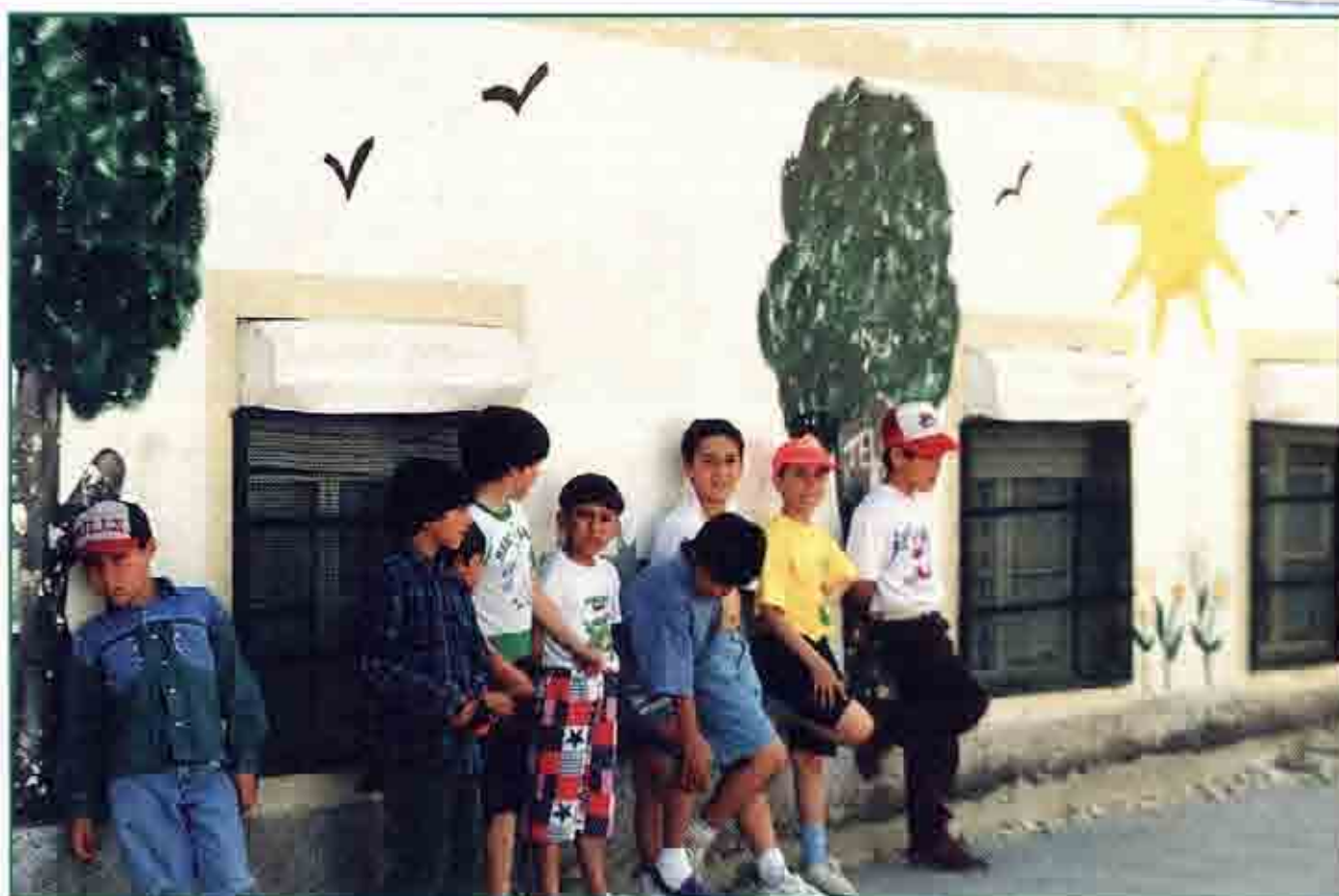


Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº 36 ♦ MARÇO/ABRIL ♦ 1995 ♦ BIMESTRAL

COMUNIDADE-FREGUESIA DA AJUDA



Carências habitacionais, desemprego, desenraizamento sociocultural. E baixa escolaridade. É a comunidade-freguesia da Ajuda, onde há um ano o IAC, mais um conjunto de instituições, desenvolve acções de ligação.

p. 2/3

E D I T O R I A L

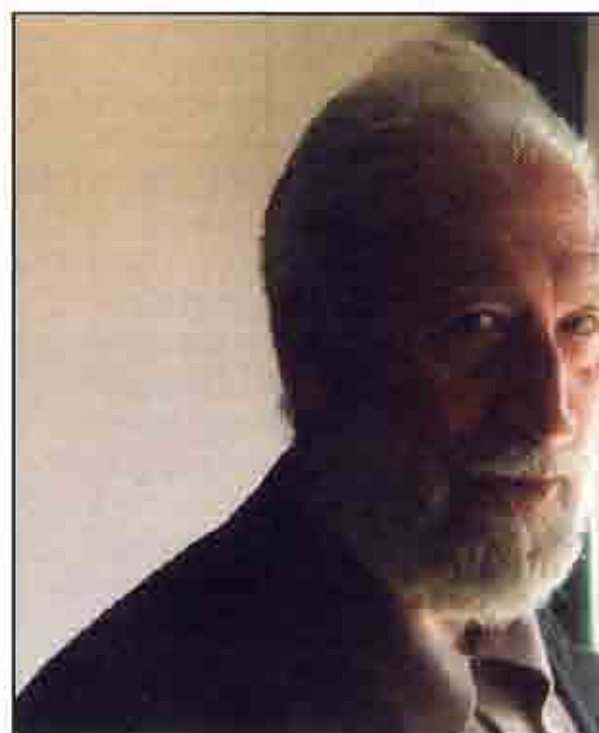
No passado mês de Março, realizou-se em Copenhaga a Cimeira Mundial sobre o desenvolvimento social; para além de ter sido abordada a questão do desenvolvimento mundial como "crescimento económico", "avanço tecnológico", referiram-se questões sociais, como a da necessidade de haver maior respeito pelos direitos sociais de camadas da população mais vulneráveis, da necessidade de se encontrarem caminhos para as várias questões que cada vez mais constituem ameaças para os nossos filhos, sejam eles de países chamados "ricos" e/ou "pobres" (exemplo: uma indústria bélica cada vez mais sofisticada e, em contrapartida, uma crescente insensibilidade à violência, à agressão...).

Estas questões são apenas um dos indícios da falta de coordenação nas políticas económicas mundiais. Aliás, até que surjam políticas concertadas em termos económico-sociais e culturais, políticas que consigam erradicar ou pelo menos minimizar a pobreza absoluta e que respeitem os direitos sociais, muitos esforços são necessários e ainda muito tempo falará...

O homem, como qualquer organismo, vive um constante, contínuo processo de adaptação ao meio exterior e a si próprio, através de um sistema de interdependências dinâmicas.

→ p. 8

AGOSTINHO DA SILVA



O mestre que distinguiu entre instrução e educação e lutou contra o analfabetismo dos que não entendem o que lêem.

p. 4/5

ACÇÕES DE LIGAÇÃO À COMUNIDADE-FREGUESIA DA AJUDA VAMOS TRABALHAR EM COMUM

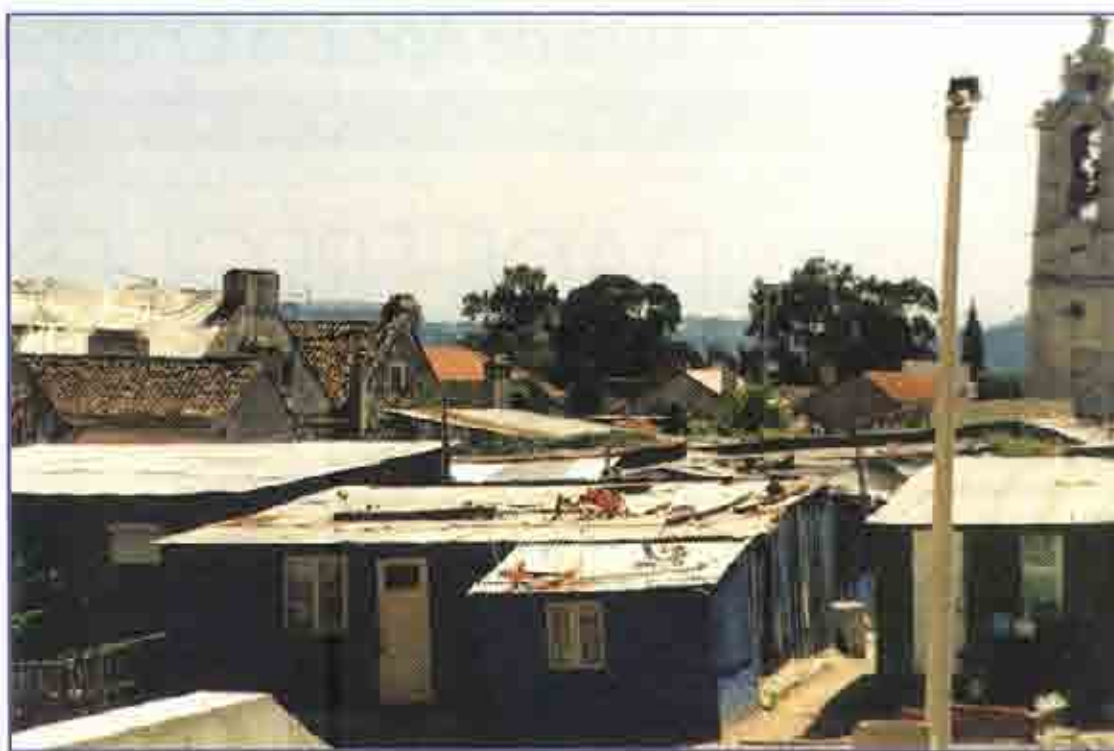
MARIA JOÃO MALHO/ROQUE MARTINS/TERESA PENHA

O trabalho Acções de Ligação à Comunidade-Freguesia da Ajuda surgiu como um meio de dar resposta a várias solicitações feitas ao IAC. O grande objectivo é desenvolver acções o mais coordenadas possível entre as várias instituições existentes na freguesia e/ou que recebam população infanto-juvenil af residente.

Daí o IAC ter pedido a colaboração e todas as instituições que se sabe existirem na Ajuda. Por outro lado, teve-se em conta que as acções a desenvolver precisam de estar de acordo com as necessidades dos grupos sociais mais carenciados e discriminados (crianças e respectivas famílias e minorias étnicas) e que esses mesmos grupos têm que ser sujeitos activos e participativos desta prática.

Todo este trabalho teve início há cerca de um ano e de uma maneira bastante informal. Primeiro, pensou-se no apoio a avós responsáveis pela educação dos netos, para o que se desenvolveram contactos. Todavia, notou-se que talvez a melhor forma de ajudar aquelas crianças fosse desenvolver

acções concertadas com o Centro de Saúde, as escolas da zona, Junta de Freguesia e o Serviço Social local. De todos estes contactos, foi parecendo cada vez mais evidente e imprescindível que para uma maior rentabilização de serviços e recursos humanos as acções deveriam ser concertadas com os serviços locais, técnicos de valências diferen-



tes, representantes dos clubes, colectividades e associações locais.

Depois de contactos informais e de questionários informativos realizados, surgiram várias questões que determinaram a necessidade de provocar o diálogo entre as entidades envolvidas na freguesia, por dois motivos.

Primeiro, porque há a informação de que as pessoas estão um pouco de costas voltadas umas para as outras. Segundo, porque se observou que todas elas têm problemáticas sociais em comum, tanto nas áreas directas do trabalho que desenvolvem como na população que acolhem, como sejam: carências habitacionais graves

(falta de habitação, habitação degradada, mau ambiente físico envolvente); baixa escolaridade parental, que leva muitas vezes ao insucesso escolar e ao absentismo dos filhos; desenraizamento sociocultural que poderá levar à automarginalização ou à marginalização por parte de outros grupos sociais; famílias com emprego pouco estável, quer por falta de formação de base, formação profissional e hábitos de vida; más condições de habitabilidade, que contribuem para comportamentos sociais pouco saudáveis, a que acresce o risco de dentro de pouco tempo surgirem graves problemas de saúde pública.



BOLETIM DO IAC
Nº 36
MARÇO/ABRIL
1995

director
Matilde Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos

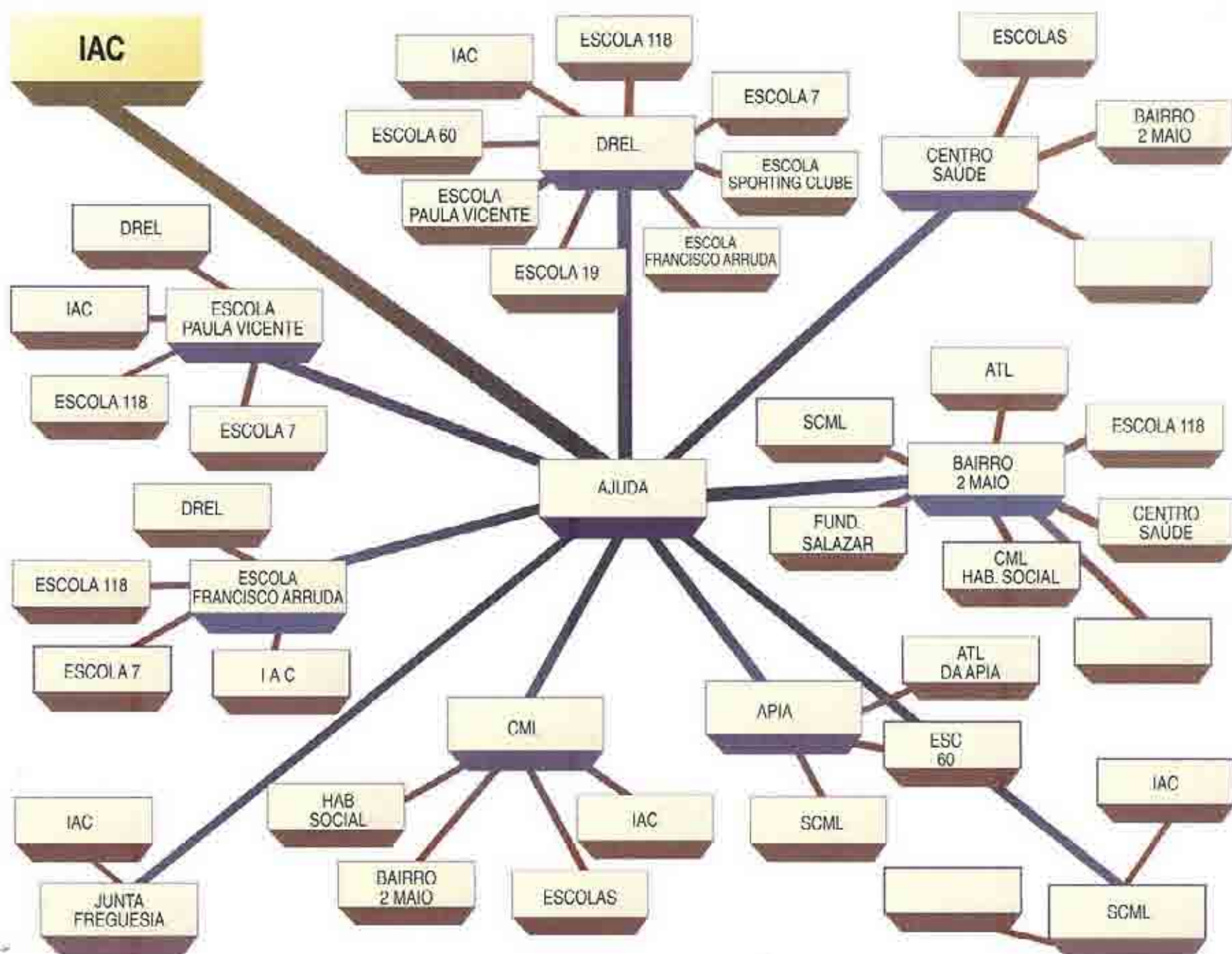
edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa

concepção gráfica
e produção
Jocana Imaginário
fotolitos
Roseta, Lda
impressão
Tipografia Lugo
depósito legal
Nº 74 186/94
tiragem
3000 ex.

QUE É O TRABALHO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA? DEPOIMENTOS DE DUAS JOVENS

BRITES MARIA TEIXEIRA DE ALMEIDA: "Trabalho comunitário é um trabalho fundamentalmente junto das populações, longe dos projectos, das salas dos escritórios, de burocratizações. É um trabalho que deveria alcançar e 'tocar' pessoas, um diálogo, um apoio, um abraço amigo. Uma utopia total, mas uma utopia real, viva e não no papel. É um trabalho que mexe com as ideias, com o que está previamente marcado, falado, dialogado, e é esse mexer, essa agitação, que informa, que desmitifica e faz um paralelo entre entidades, institutos e organismos e uma criança que apenas pede um beijinho ou um toque de amigo..."

LUIÇA RAMOS: "Intervir numa comunidade (seja ela qual for) não é fácil. Não é fácil porque, para que se trate de uma real intervenção, da qual se possa vir a colher frutos, é necessário haver um trabalho conjunto e integrado de várias instituições, o que implica uma mudança da atitude, à qual, muitas vezes, é oferecida resistência. Intervir nestes termos é ser capaz de, através da união de esforços (onde a própria população tem também lugar), tentar responder às necessidades (ou a algumas delas) que parecem cada vez maiores e mais urgentes e em relação às quais todos podemos sempre fazer algo."



A criação de redes institucionais, a partir de problemáticas socio-educativas comuns, está a caminhar em parceria para um projecto integrado de cariz multidimensional, porque a natureza dos problemas detectados nesta zona exige a mobilização de recursos vários, com a participação activa e permanente dos grupos-alvo

Este trabalho está a ser dinamizado. Porém, a melhor forma de lhe dar continuidade é criar e desenvolver redes sociais cujos parceiros seriam comuns a todas elas, de modo a poderem vir a dar-se respostas de acordo com as necessidades locais, não esquecendo as problemáticas globais e uma melhor rentabilização dos recursos humanos e físicos de toda a freguesia da Ajuda.

METODOLOGIA DO PROJECTO

Para um trabalho mais articulado entre as várias instituições, seus utentes e população vizinha, deve considerar-se as seguintes acções:

Visitas informais a todas as instituições, clubes e associações da freguesia; observação directa da população que trabalha e utiliza esses espaços; abordagem directa a alguns núcleos populacionais e seus líderes; levantamento de informação através de questionário; reuniões de

trabalho com representantes de serviços (parceiros); criação de núcleos de trabalho mais aprofundado (escolas, Associação de Actividades Sociais do Bairro 2 de Maio).

Ao haver um uso correcto dos espaços, teremos comportamentos humanos mais positivos que vão levar à transformação correcta dos lugares e ao desenvolvimento do sentimento de pertença à comunidade. Aliás, quanto maior for a coesão social da população residente num local, maior confiança existirá em relação a esse mesmo local, assim como uma maior competência ambiental e um melhor sentimento da comunidade e uso do direito de cidadania.

APOIAM ESTA INICIATIVA

Junta de Freguesia da Ajuda, Centro de Saúde da Educação da Ajuda, C. M. de Lisboa (departamentos de Acção Social, Espaços Verdes, Habitação), Direcção Regional de

Educação de Lisboa, Instituto da Juventude, S^ª Casa da Misericórdia de Lisboa, PSP, Governo Civil de Lisboa, Polícia Municipal, Obra Nacional para a Pastoral dos Ciganos, Paróquia de N. S^ª da Ajuda.

As instituições que estão já a desenvolver acções directas a partir desta Actuação são as Escolas Primárias nºs 7, 19, 60 e 118, da Voz do Operário, do Centro Republicano da Ajuda, do Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro, do Sporting Clube do Rio Seco; as Escolas Preparatórias Francisco de Arruda e Paula Vicente; a Associação Port. de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental; a Associação de Protecção à Infância da Ajuda; o Centro Social e Paroquial de N. S^ª da Ajuda; a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores; clubes recreativos e desportivos; a Associação de Actividades Sociais do Bairro 2 de Maio.

AGOSTINHO DA SILVA

UMA VIDA CONTRA O ANA

CLARA CASTILHO

FALAR de Agostinho da Silva, depois de ter sido o homem público que foi, de tanto sobre ele se ter escrito, de tanto ele ter publicado, não é tarefa fácil.

Relemos várias das suas obras, recordámos momentos que passámos juntos e optámos por só abordar um dos temas que foi desenvolvendo, ao longo da sua vida, o da relação das crianças com a escola. No entanto, este aspecto não pode ser desligado do homem em si, da sua posição perante a vida.

Homem que se definiu como uma pessoa feita de muitas coisas, uma pessoa que acertou, que errou e que se arrependeu apenas daquilo que não fez. Homem que considerou que o que fez se traduziu em experiências boas e com resultados positivos.

Mestre no sentido amplo do termo, perito em comunicar, defendia que o que importa é sermos nós próprios, tão autêntica e plenamente que nos tornemos contagiantes. Tornou-se uma referência de várias gerações, em vários países e culturas. No entanto, achava que sabia apenas o que outros portugueses disseram, o que leu e reteve deles, limitando-se a repetir as ideias dos outros. Alertava para as pessoas não confiarem nele, devendo pensar pelas suas próprias cabeças, pedindo que o criticassem, pois os aplausos de nada servem. Só confiando nas conclusões que ele próprio tirava das suas experiências, punha sempre em dúvida as suas certezas.

Foi um marginal da cultura, com projectos estranhos aos poderes instituídos. Desenvolveu vários projectos/aventuras, relacionados com a actividade de ensino e com a escrita, desde os Cadernos de Iniciação Cultural, publicados pela Seara Nova, passando por uma longa estada no Brasil, onde ajudou à criação de universidades e centros de investigação.

Distinguiu entre instrução e educação, pois a primeira só prepara para uma profissão. Preocupou-se com o analfabetismo, não o dos que se recusam a aprender a ler e rejeitam a influência da cultura dita erudita, mas dos que avançam na vida precisamente por não entenderem o que lêem.

Tinha a mesma opinião de uma analfabeta que dizia que a escola da sua aldeia era muito bonita, e os meninos iam lá aprender coisas, mas que estava aberta só quatro ou cinco horas por dia. Ela achava que deveria ter as portas abertas todo o dia, para todas as pessoas poderem lá ir perguntar o que não sabem.

A ESCOLA IDEAL

Para ele, as crianças têm uma capacidade enorme de se interessarem por tudo, de quererem saber, sobretudo de perguntar coisas, de tal maneira que, às vezes, os adultos ficam atrapalhados com a resposta que hão de dar. E depois, toda a mecânica da escola não é deixar que as perguntas continuem

com aquela vivacidade e aquele interesse que tinham. Abafam-se as perguntas, porque perguntar não é conveniente em sociedade e as crianças começam a aprender aquelas respostas que são convenientes para viver em sociedade sem grandes atropelos, tomam muito cuidado com o que perguntam e procuram aplicar a resposta certa para o outro, a resposta esperada que já sabem certa.

Assim, a escola acaba por ser uma máquina de estragar crianças, quando deveria começar por as motivar pela brincadeira. Educam-se os meninos para responderem às perguntas que já têm resposta, quando o ideal seria estarem prontos para responderem às perguntas que nunca se fizeram.

A função dos educadores deveria ser educaram-se, juntarem as suas experiências, aprenderem com as crianças aquilo que se pode aprender com elas.

Propunha uma escola em que as crianças pudessem perguntar tudo, sair da aula quando quisessem, passarem todos de classe, até descobrirem o que querem fazer da vida.



“MINEURS EM FUGUE: L'ERRANCE EN EUROPE”

COLÓQUIO CONTRA A POBREZA

“ESTARA a Europa prioritariamente preocupada com as questões sociais, com o bem-estar e a qualidade de vida das suas famílias mais pobres?”. Esta questão foi colocada por Manuela Eanes, em representação do IAC, no colóquio “Mineurs em Fugue: l'errance en Europe”, organizado pela Sauvgarde de l'adolescence de Paris, de 28 de Novembro a 1 de Dezembro do ano passado.

“A Federação Europeia de Associações Nacionais que trabalham com os Sem-Abrigo, federação mandatada pela Comissão Europeia para gerir o Observatório Europeu dos Sem-Abrigo, afirma que pelo menos dois milhões e meio de pessoas que vivem na União Europeia, ou seja, sete habitantes em cada mil, estiveram em 1993 privados de qualquer abrigo ou alojamento de um organismo público ou privado”, continuaria Manuela Eanes, de cuja intervenção destacamos ainda:

“Todas estas situações de pobreza são uma vergonha para a Europa. Ainda em Junho de 94, em Bruxelas, quando do encerramento do 3º Programa de Luta contra a Pobreza, com a grande incógnita de haver ou não um 4º Programa, foi unânime esta preocupação. Porque para a Europa, a grande prioridade têm de ser as pessoas, não como números, mas na sua plena dimensão humana de dignidade.

E o grande caminho é sempre o mesmo: políticas governamentais adequadas e projectos de intervenção comunitária, num trabalho coordenado e responsável das várias instituições, oficiais e particulares, e dos próprios destinatários.

Para que a passagem de situações de pobreza para maior desenvolvimento tenha toda a dignidade, é preciso que os mais pobres — crianças, jovens e idosos integrados nas suas famílias — tenham uma parte activa no seu processo de desenvolvimento.

Na maioria dos casos, às pessoas pobres não falta capacidade. O que faltam são as oportunidades que têm a ver com a casa, o em-

prego, a saúde, os transportes e um ambiente mais humanizado.

É preciso, pois, que todos juntos — associações privadas, movimentos de opinião fortes e respectivos governos — pressionem cada vez mais a dinamização de projectos de luta contra a pobreza, em que todos possam participar, em pé de igualdade, técnicos e grupo alvo, sem paternalismos, com a sua individualidade própria e respeito pelas diferenças de cada um. Abolida de vez a fase assistencial, é com uma forte participação da comunidade, incluindo os vários agentes sociais e económicos e a própria comunicação social, que se poderão criar condições de mais bem-estar e dignidade para todos e cada um.

SÍNTESE DO COLÓQUIO

Da síntese geral do colóquio, que entretanto recebemos, salientamos algumas recomendações:

— No plano psíquico-educativo, mesmo que seja uma evidência, convém lembrar que o “fazer com” é mais importante do que “fazer em vez de”. Saber escutar, acompanhar uma revalorização narcísica progressiva do sujeito, permitir relações diferenciadas, usar mediações, são actos que preparam o sujeito para a sua condição de homem livre e actor de mudanças sociais.

— Criar as condições de partilha de responsabilidades e de exercício da cidadania, eis o que deve-

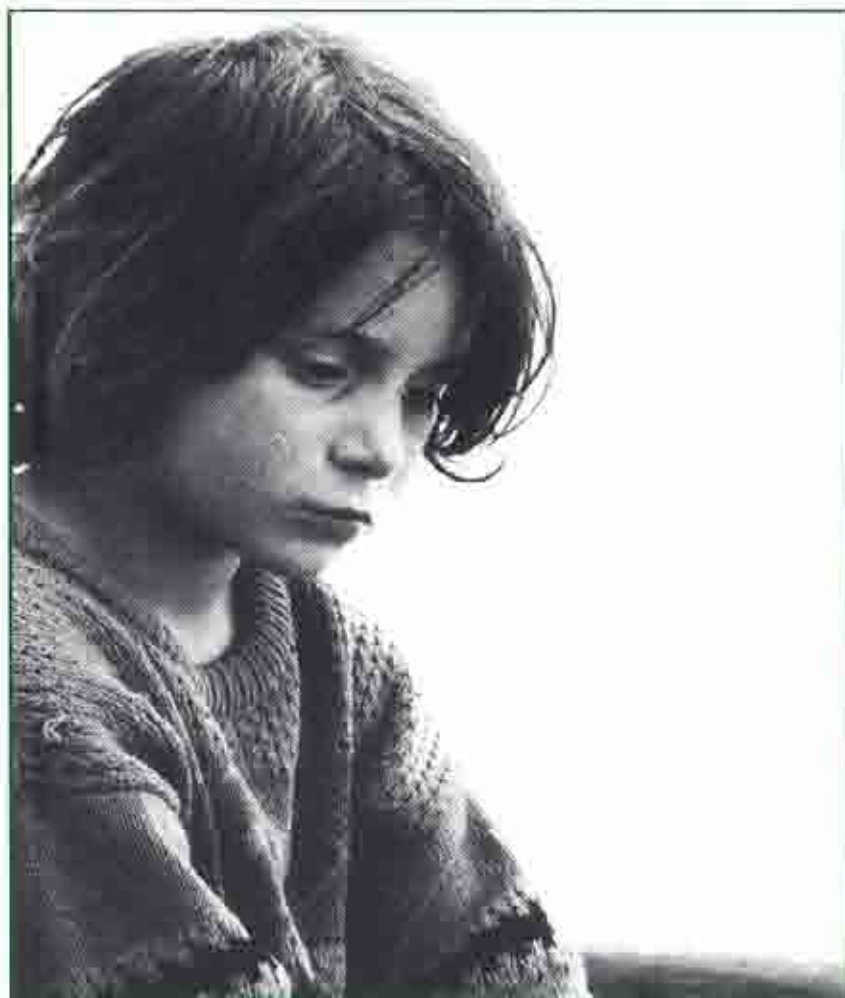


FOTO DE ANA SOFIA MORAIS LIESSA

ria animar os conceitos de ensino e de formação.

— Provocar as mudanças de mentalidades necessárias para um verdadeiro exercício da solidariedade.

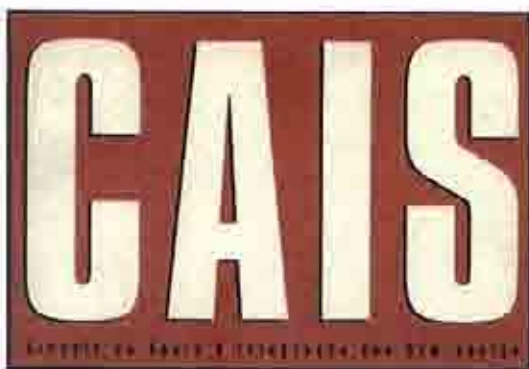
— Intervir sob a forma de recomendações no quadro da convenção europeia sobre o exercício dos direitos das crianças, direitos plenos e inteiros, quaisquer que sejam as nacionalidades e os locais de residência.

— Encontrar rapidamente soluções para os menores migrantes sem estatuto que se arriscam, ao atingir a maioria, a serem expulsos, depois de terem beneficiado da ajuda administrativa e judiciária, adquiridas, de pleno direito, pelo facto de serem menores.

— Favorecer o desenvolvimento das solidariedades no terreno, dando os meios razoavelmente necessários aos actores sociais que operam no quotidiano para evitar os riscos das rupturas sociais.

— Rever as políticas da família, enquanto esta hoje se encontra modificada na sua estrutura e desestabilizada nos seus papéis de autoridade estruturante e de responsabilidade social.

SEM-ABRIGO VENDEM REVISTA



SAIU o nº 1 da revista "CAIS" (Círculo de Apoio à Integração dos Sem-Abrigo), fruto do trabalho de um conjunto de pessoas e

instituições ligadas ao mundo da comunicação e da solidariedade.

Esta revista, sem fins lucrativos, é vendida, em exclusivo, por pessoas excluídas, que usufruem do valor equivalente a 80 por cento do preço de capa. Aí encontram um rendimento mínimo, resultante de um trabalho digno, que lhes proporciona a possibilidade de viver em melhores condições. Os compradores da revista entram, assim, numa rede de solidariedade que depende dessa colaboração

FESTA DAS CRIANÇAS

OIAC, a Luxor e o Hotel Meridiano realizaram, no dia 2 de Abril, em Lisboa, a "Festa das Crianças", que constou de um desfile de moda infantil Primavera/Verão 95, um espectáculo para crianças, lanche e algumas surpresas.

A festa, que decorreu com muita espontaneidade e alegria, foi apresentada por Carlos Alberto Moniz e Arlena. Muito animada foi a actuação do ventríloquo Sérgio Baptista, do grupo de teatro e marionetas e palhaços Lanterna Mágica,

e da palhaça Cláudia Martins.

O desfile de moda infantil teve e participação das marcas Kid Cool, Materna, Benetton, Cenoura e Psh Kosh.

Através da colaboração graciosa da Luxor, do Meridiano, dos artistas, das marcas de roupa infantil, da Alfason, da Grafitibe, da Casa Anahory e de tantas outras entidades, é que foi possível a realização desta festa, cujos fundos reverteram a favor do IAC.

N O T Í C I A S

NO DIA 2 DE MARÇO, Filomena Viegas orientou uma acção de formação organizada pela Câmara Municipal de Almada, com a temática "Acto Lúdico".

EM COIMBRA, realizou-se, de 27 a 29 de Março, uma acção de formação sobre "Ludicidade e igualdade na diferença", organizada pelo núcleo do IAC de Coimbra, por técnicos de saúde mental e de educação, orientada por Leonor Santos e Teresa Brandão.

LEONOR SANTOS orientou uma acção de formação, no dia 8 de Março, organizada pelo Centro Lúdico de Vilar Formoso e, no dia 9, em Trancoso, organizada pela Escola Profissional de Trancoso. Em ambas, abordou a importância da actividade lúdica na aprendizagem e no desenvolvimento global da criança, dirigida a professores e educadores, a pais e encarregados de educação e à comunidade em geral.

O GRUPO DE ACTIVIDADE LÚDICA realizou três acções de formação: "A formação artística na área da expressão dramática e do teatro e as aprendizagens fundamentais", de 14 a 16 de Março, orientada por Isabel Alves Costa; "Ludotecas e espaços de jogo", de 3 a 5 de Abril, orientada por Natália Pais e Helena Carqueijeiro; "Brincar com o papel: o lúdico e o estético", no dia 20 de Abril, orientada por Filomena Viegas e Cidália Atonso.

PAI HÁ SÓ UM!



AS Galerias Monumental organizaram, no dia 19 de Março, o concurso "Pai Há Só Um!", com um júri composto por Manuela Lanes, Rosalina Machado e João Pedro Sousa.

No concurso, pedia-se às crianças que escrevessem ao pai e lhes dissessem porque gostam dele. "E já agora, aproveita para falar das coisas de que não gostas", recomendava-se também.

A leitura das cartas de resposta foi um momento dramático para o júri, porquanto uma grande percentagem focava problemas sentidos pelas crianças na sua vida familiar: separação física por situações de divórcio dos pais, separação forçada (cumprimento de pena prisional), dificuldade de comunicação, pouco tempo para convívio e brincar, abuso de autoridade, preocupação só com o aspecto das notas escolares ["Não há paciência para ter que ficar em sentido quando chegas mal-disposto e te lembras de querer saber se tive 'negas'"].

Apesar de tudo, as crianças ainda conseguiam evocar os bons momentos que passam em conjunto e o carinho que recebem ["Quando o meu pai for velho vai ter óculos grossos e ele vai ouvir os contos de fadas que lhe vou contar"].

NOVA ASSOCIAÇÃO

EM Dezembro de 94, foi criada uma nova associação de apoio à família. Trata-se da NASCE Núcleo de Apoio e Solidariedade a Casais Esté-

➤ O abrigo e a possibilidade de adquirir bens essenciais, como o pão e a água, indicam padrões de actividade social que podem, ou não, levar ao desenvolvimento harmonioso de pertença ao lugar: para que o possa, o ser humano precisa de sentir segurança, estabilidade no relacionamento social, satisfação das necessidades físicas e psíquicas, espaços abertos e fechados que permitam e ajudem a um crescimento e a um desenvolvimento harmonioso; para que o possa, todos os homens, e cada um em particular, precisam ainda de atingir um nível de crescimento interior elevado para que realmente consigam chegar a um estado social e educativo respeitador da dignidade humana. Quando isso acontecer, significa que o homem conseguiu evoluir em termos humanos e tecnológicos e então poderemos falar em Homem, com maiúscula. Até lá... tentemos, cada um, no seu próprio local de trabalho e de vida, ser mais facilitador do progresso e de bem-estar.

Seguindo esta linha de pensamento, o IAC está neste momento a desenvolver acções de formação, sensibilização e ajuda e participação com serviços, instituições e colectividades na Comunidade da Ajuda.

O grande objectivo é criar na própria comunidade mecanismos de trabalho em rede, em que se desenvolva uma maior consonância e coordenação entre as políticas e sua implementação na área socio-educativa e cultural de acordo com as necessidades da população.

- Manuela Eanes, Maria João Pena e Manuel Coutinho participaram no congresso "A Criança Maltratada e Negligenciada", na Escola Superior de Educação Jean Piaget, em Arcozelo, nos dias 10 e 11 de Março.

- Manuela Eanes fez parte da Comissão de Honra, no dia 23 de Março, no Centro Cultural de Belém, para entrega do troféu "Pais e Filhos" — "Quem fez mais pelos filhos", entregue a Irmã Teresa Granado, Dr. Rogério Canhães e a três jovens que trabalham com jovens em risco, Madalena Correia de Almeida, Marta Cabral e Pedro Ribeiro.

- No dia 19 de Abril, Manuela Eanes esteve presente na palestra "A Criança na Sociedade e na Escola", organizada pela Escola Secundária da Moita.

- No Fórum Voluntariado Jovem, em 31 de Março, no Padrão dos Descobrimentos, organizado pelo Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária, que reuniu diferentes associações e grupos promotores de trabalhos voluntários que envolvem empenhamento de jovens. Presentes, Manuela Eanes e, para expor o trabalho voluntário do IAC, Helena Novais.

- Manuela Eanes, Natália Pais e Adelina Odete Marques participaram na mesa-redonda sobre "Projectos de Apoio à Criança", das II Jornadas de Saúde Materna e Infantil, nos dias 20 e 21 de Março, organizadas pela Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo de Sousa.

- Na Rádio Miramar, onde, no dia 25 de Março, Jorge Ferreira foi entrevistado por Ana Miranda sobre o SOS-Criança.

- Num seminário, Em Ponta Delgada, nos dias 6 e 7 de Abril, organizado pelo Núcleo do IAC dos Açores e pelo Secretariado Nacional de Reabilitação e Programa Pró-Acese, subordinado ao tema "Construir sem barreiras — transportes/barreiras na sua utilização".

6º CURSO DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES DE RUA

O Instituto de Apoio à Criança, entidade promotora do Projecto "Trabalho com Crianças de Rua — Em Família para Crescer", realizou, nos dias 10 e 13 de Abril, o 6º Curso de Formação de Animadores de Rua, nas instalações da Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil, em Lisboa.



Para além da presença da equipa do Projecto, a formação contou com a participação de cerca de 60 formandos, todos estudantes ou técnicos nas várias áreas do social.

O curso seguiu uma estrutura tanto técnica como prática, com relevo para o papel do animador durante as fases do contacto com a criança, a importância do registo para avaliação do trabalho, o papel da afectividade e técnicas de animação.

Colaboraram no desenvolvimento destes temas João Nêu, Leonor Sousa, Aníbal Henriques, Filomena Viegas e Hermano do Carmo.

Durante o curso, utilizou-se uma metodologia activa, com a participação de todos os intervenientes, com o trabalho de grupo, jogos pedagógicos, dramatização, gravações e projecção de slides.